

“É para escrever sério?” Uma experiência com uso de redes sociais online na sala de aula¹

Alessandra Pinto de Carvalho²
Leandro Marlon Barbosa Assis³
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

No contexto atual das comunicações, as tecnologias de informação entraram efetivamente em todas as esferas de atuação dos cidadãos. Neste artigo, procuramos refletir sobre o uso das redes sociais online como meio de comunicação para atividades educativas de jovens. Tomamos como base uma experiência com alunos ingressantes em um curso superior, a partir do qual, descrevemos particularidades na participação e expressão do grupo na atividade. Para avaliar as manifestações observadas, empregamos conceitos que relacionam comunicação e educação, e iniciamos uma avaliação sobre o diálogo proposto nas formas de compartilhamento de conteúdo no fórum online em consonância com informações discutidas em sala de aula.

Palavras-chave: comunicação; educação; juventude; escola; redes sociais online;

Introdução

O cenário clichê dos tempos atuais nos mostra um jovem que anda pelas ruas com o olhar fixo num ponto: o telefone celular em suas mãos. Anda e dedilha o aparelho, anda e dedilha... O celular conectado à internet se transformou no centro das atenções dos cidadãos nos centros urbanos. Os *smartphones* são mirados pelos humanos nos transportes coletivos, na fila do pão e na sala de aula. Os nativos digitais o utilizam em todos os momentos, até mesmo quando estão socializando com outras pessoas face a face.

Uma pesquisa produzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.BR), denominada TIC Kids Online Brasil 2014⁴, mostrou que 81% da população de 9 a 17 anos acessa a internet todos os dias. Os motivos de maior relevância para o uso da rede por estes jovens é o acesso às redes sociais (73%), a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: alesscar@ufrj.br

³ Estudante recém-graduado do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: leandro88marlon@gmail.com

⁴ Resumo do relatório da pesquisa disponível em http://cetic.br/media/pdfs/apresentacoes/tic_kids_online_brasil_2014_hangout_imprensa.pdf

busca por informações para trabalhos escolares (68%) e pesquisas de interesse pessoal (67%).

É neste contexto que situamos o jovem estudante como interagente em pleno uso dos recursos oferecidos pela web. É também este o retrato do discente que entra nas universidades hoje. Ao contrário do jovem que começava a acessar a internet há 20 anos no Brasil, hoje se experimenta no cotidiano outra face dos benefícios trazidos por esta tecnologia. Já não é mais necessário estar “preso a um computador” em um ambiente fechado, como o quarto ou um “cybercafé”. A mobilidade possibilitada pelo telefone celular e pelas redes públicas ou privadas de acesso à internet fazem com que este sujeito experimente a liberdade de conexão no ônibus, em casa, ou na escola.

O jovem dos anos 1990 lia as páginas produzidas por algumas empresas (de comunicação e outras de comércio ou órgãos estatais), podia criar seu primeiro endereço eletrônico, entrar em *chats* e participar de fóruns e canais de conversa online. Basicamente, ele era um consumidor e receptor de informações. O adolescente e jovem de hoje deixou de ser aquele que somente consome as informações e passou também a produzir e distribuir conteúdos diversos na rede. Essa produção foi ampliada desde que qualquer usuário da web teve a chance de escrever diários (blogs), publicar suas fotos em sites e redes como Fotolog, Flickr e Instagram, vídeos no YouTube ou Vimeo, ou juntar tudo isso e compartilhar com amigos e contatos nos sites de redes sociais, como o Facebook. De acordo com a pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 95% dos jovens brasileiros de 15 a 17 anos têm perfil nas redes sociais; 78% possuem perfil no Facebook, 24% no Instagram, 15% no Twitter.

Na sala de aula de escolas em centros urbanos, quase todos os alunos jovens possuem telefone celular com a acesso à rede. Então, porque a escola ainda resiste ao uso desse recurso quando possível para dinamizar a produção em sala de aula? Em 2014, 82% dos jovens ouvidos na pesquisa TIC Kids Online Brasil declararam acessar a web a partir do celular.

O professor Michel Serres chama de “Polegarzinha” o jovem dos tempos atuais, em alusão ao uso habilidoso dos polegares para digitar e segurar o celular com uma única mão. Em seu ensaio, o referido autor diz que é preciso conhecer melhor o espaço virtual em que os jovens habitam. Ao se referir a um campus universitário, uma escola ou uma sala de aula, Serres visualiza uma transformação do espaço de concentrações (de pessoas, de conhecimento, de informações). “O antigo espaço de concentrações [...] se dilui, se espalha.

Vivemos [...] em um espaço de proximidades imediatas e, além disso, ele é distributivo.” (Serres, 2013, p. 26)

Pensando nesse espaço novo de atuações objetivas, uma das propostas deste artigo é avaliar como jovens estudantes desenvolvem ou elaboram discussões em um ambiente digital como parte das atividades de uma disciplina cujo tema principal é “comunicação e novas tecnologias”. Com isso, pretendemos apresentar leituras preliminares da construção de uma experiência envolvendo a comunicação e a educação em uma rede social, considerando os aspectos facilitadores de conversação e troca de informações. A análise foi realizada sobre uma experiência em um grupo online fechado composto por estudantes do primeiro semestre do curso de jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

1. Comunicação e novas tecnologias na sala de aula

Como sabemos, os aparelhos móveis de comunicação, como celulares, tablets e notebooks, transformaram-se em artefatos culturais. Os jovens brasileiros de 15 a 24 anos ficam conectados 9 horas por dia⁵ e essa conta ultrapassa o tempo que passam na escola normal. A considerar esta prática do cotidiano, não podemos mais pensar na dicotomia entre vida real e virtual, quando os interagentes passam mais de 1/3 do seu dia utilizando a internet. Esta esfera híbrida de informação facilitada pelas tecnologias móveis engloba a sala de aula. As modificações que a rede de computadores trouxe ao ensino e especialmente à escola é tema para debates, estudos e pesquisas desde o fim do século passado (MORAN, 1997).

A experiência que serviu de base para este estudo foi planejada como uma atividade na rede de computadores, cujo objetivo era criar um ambiente em que todos pudessem ter acesso aos pensamentos dos colegas de forma a consultá-los e até mesmo a ajudar a fazer suas próprias análises. Além disso, o aluno poderia elaborar melhor o seu pensamento e estabelecer uma espécie de diálogo com os colegas em um espaço mais aberto que a sala de aula com o uso de uma ferramenta muito comum no seu cotidiano: a rede social Facebook.

Interessava-nos também observar como os estudantes se pronunciaram no ambiente que muitos usam para distração, publicação de fotos pessoais e compartilhamento de memes e notícias. Como realizar um “momento sala de aula”, mas em forma de debates e de participação analítica e opinativa em um local de interações mais voláteis?

⁵ Texto disponível no link: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-20-anos-na-internet/a-geracao-conectada/publico-fica-9-horas-por-dia-conectado-a-rede-pelo-celular.shtml>

No primeiro mês de aula da disciplina “Comunicação e Novas Tecnologias”, os estudantes ouviram a proposta da professora em sala de aula, quando houve consenso sobre o interesse em usar um grupo *online* para atividades do semestre. Algumas regras de uso foram criadas para que houvesse uma organização dos tópicos, uma vez que o Facebook trabalha com a disposição na forma de linha do tempo, que não permite arquivar os temas. O grupo foi chamado “ComTec Ideias” e era restrito aos 50 alunos matriculados da disciplina.

Ao todo foram cinco questões ou solicitações de participação de maio a junho de 2015. Havia um prazo para que eles pudessem responder ou apresentar suas opiniões de acordo com a proposta apresentada pela professora. Geralmente, o prazo era de 5 dias.

Embora, o trabalho seja “fora” da sala de aula (o Facebook), em um ambiente caótico, com uma profusão de informações, em que os alunos teriam que pensar de uma forma diferente, é importante considerar algumas observações para guiar as ações de ensino, ainda que seja uma atividade aparentemente mais leve. Nesse sentido, organizar, refletir e escolher as temáticas foram fundamentais para fazer uma espécie de gradação nessa participação.

Daniel T. Willingham (2011, pp. 29-31), em seu livro “Por que os alunos não gostam da escola?”, apresenta algumas observações a serem tomadas pelos professores a fim de instigar a curiosidade dos alunos a pensarem ou participarem das atividades propostas em sala de aula: a) certificar-se sobre a existência de questões a serem discutidas. Na área de comunicação e tecnologias, temos muitas e cada dia novas aparecem; b) respeitar os limites cognitivos dos alunos. Acreditamos que para ingressantes no curso universitários, devemos considerar inclusive estratégias de estudo, orientação sobre os objetivos das atividades na universidade; c) Esclarecer os problemas a serem resolvidos. Willingham diz que a curiosidade é provocada quando acreditamos ser capazes de resolver questões propostas; d) Reavaliar o momento de propor problemas aos alunos. Ou seja, se não houver um conhecimento prévio, o aluno pode se confundir na tentativa de buscar a resposta; e) trabalhar com os variados níveis de preparo dos alunos.

A ideia para transformar o exercício com os alunos em um objeto de estudo surgiu apenas com o desenvolvimento do projeto, a partir das anotações e avaliações do processo realizado pela professora. Nesse sentido, quando entramos na fase de sistematização, entendemos que o melhor seria considerar aportes da Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2009) para a realização dos relatos e avaliações qualitativas da experiência.

A experiência com o grupo de trabalho no Facebook

Para a primeira análise da experiência com a turma de estudantes, consideramos o recorte das manifestações nos fóruns em resposta à solicitação da questão dada pela professora. Não analisamos o conteúdo dos textos para verificar as opiniões dos alunos, mas para verificar a interação, o diálogo, a conversação, ou seja, buscamos entender como estudantes desenvolvem a atuação em uma extensão da aula, mas em outro lugar de encontro e produção. Não era uma sala de aula virtual, mas um lugar de encontro paralelo e com possibilidade de registrar e revisar as ideias compartilhadas.

Os tópicos analisados trazem propostas de participação em forma de pergunta. Em todos as questões, o texto traz uma introdução ao tema da discussão geralmente alimentada por uma notícia publicada na própria rede. Da turma de 50 alunos, embora todos visualizassem⁶ as questões, em média 45 responderam os quatro principais tópicos.

O primeiro tópico do fórum, publicado em 05 de maio de 2015, faz uma referência aos 20 anos da web no Brasil⁷, destaca o depoimento de um internauta daquela época, e questiona o que o jovem faria se precisasse ficar uma semana em um lugar distante onde não houvesse internet. O intuito desta questão era proporcionar aos estudantes um momento semelhante a uma conversa normal em que ele contaria aos colegas sobre o que pensava. Neste tópico, a fim de incentivar os alunos, a professora comentou cada uma das postagens feitas, mencionando seus autores. E ao fim fez uma avaliação geral da participação dos alunos.

No segundo tópico (em 16 de maio), o tema foi sobre “bolhas ideológicas” do Facebook reveladas a eles por meio de pesquisa publicada na revista Science⁸. A indagação requisitava duas respostas: o que o estudante pensava sobre aquela revelação e como ele usava o aquela rede social. A professora desta vez fez comentários em blocos, mencionando sempre os alunos aos quais se referia, agrupando algumas opiniões, respondendo a perguntas de alunos.

O terceiro tópico, publicado na semana seguinte, solicitava aos alunos que dessem sugestões sobre experiências (pessoais ou não) que se encaixassem nos conceitos de “convergência cultural” (Jenkins, 2008), tema da unidade do programa da disciplina. Eles precisavam fazer uma breve descrição do projeto e inserir os endereços/links. A professora

⁶ O Facebook informa quantas pessoas visualizaram um determinado tópico nos grupos.

⁷ Texto disponível em “20 anos da internet BR”. <http://temas.folha.uol.com.br/20-anos-da-internet/>

⁸ A notícia compartilhada foi “Usuários transformam seus perfis em bolhas ideológicas” <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/usuarios-transformam-seus-perfis-em-bolhas-ideologicas/>

apresentou um exemplo de programa adequado ao conceito. Como era opcional, mas importante para quem tinha perdido um dos dois primeiros, quase todos visualizaram, mas apenas oito alunos participaram, dos quais um aluno participou de maneira extra (ou seja, tinha comentado nos tópicos anteriores).

O quarto tema foi escolhido para provocar os jovens como cidadãos e futuros jornalistas. Publicado no dia 15 de junho, a solicitação era para que os alunos refletissem se posicionassem sobre uma notícia polêmica apresentada pelos portais de notícias naquela semana. O link postado referia-se a uma matéria, originalmente de um jornal italiano, que relatava que Umberto Eco havia declarando que as redes sociais deram voz a uma “legião de imbecis⁹”. A maioria respondeu no dois últimos dias. A professora participou fazendo comentários, citou alunos e pediu esclarecimento de falas para outros. Alguns destes responderam, outros ficaram calados sobre o pedido de explicação. Foi um tema bem comentado, alguns alunos concordaram e discordaram, outros apenas discordaram ou apenas concordaram.

Neste tópico, a professora inseriu um novo texto no fluxo dos comentários, no “meio” da *timeline*, a fim de alimentar a discussão. O texto era de autoria de um professor¹⁰ brasileiro em que buscava esclarecer o contexto das declarações de Umberto Eco. Embora alguns alunos tenham “curtido”, dois apenas fizeram alguma menção as “manipulações da mídia” na opinião do professor. A maioria ficou atenta apenas a questão central, expondo suas críticas à informação transmitida pelo jornal. Um aluno fez comentários extras com links e um meme sobre o escritor.

O quinto e último tópico tratou das questões da falsificação de informações e consequente circulação de notícias falsas na internet. Para isto, a professora apresentou uma introdução e solicitou aos alunos que analisassem a situação exposta no texto proposto (coluna semanal do professor Ronaldo Lemos¹¹ para a Folha de S. Paulo) e refletissem sobre os critérios que usam para compartilhar informações nas redes sociais. Em suma, deveriam dizer o que pensavam sobre uma declaração dada por um personagem do texto e revelar se usavam algum meio de análise para o compartilhamento de informações. A

⁹ Texto originalmente disponível em

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/internacional/72725/umberto+eco+diz+que+redes+sociais+deram+espaco+a+imbecilidade+das+pessoas>

¹⁰ Texto disponível em <http://democraciaeconjuntura.com/2015/06/17/a-legiao-de-imbecis-de-umberto-eco/>

¹¹ Texto compartilhado “Como nasce uma notícia falsa”

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2015/07/1651954-como-nasce-uma-noticia-falsa.shtml>

professora fez considerações sobre as participações, sempre mencionando os alunos que escreveram.

Nesse último tópico, ao fim das postagens, a professora fez uma avaliação geral do fórum. Ela listou algumas características de como as participações, construções dos textos, olhares e opiniões haviam se tornado mais consistentes com o passar do tempo.

Para este trabalho, como já dito antes, analisaremos apenas alguns padrões de comportamento peculiares ao uso das redes sociais pelos jovens em comparação aos modos de atuação dos alunos em sala de aula. A expectativa é que os estudantes se comportariam de maneira descontraída, adequando a forma de resposta ao ambiente e tipos de participação comuns no Facebook.

2. Atuação dos estudantes nos fóruns online

Estamos de acordo com a ideia de que “as formas de conversação também são determinadas pela ferramenta tecnológica” (RECUERO, 2009, p. 261). Com isso, acreditamos que a variação das interações e participações nos espaços colaborativos na internet pode ser tão rica, no sentido amplitude de possibilidades de expressão e comunicação, quanto àquelas em um espaço de 50 a 60 minutos na sala de aula.

Na conversação oral, “[...] os atores, por intermédio de interações verbais, negociam sentido, constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais.” (RECUERO, 2013, p 53). Na internet, ou na conversação mediada por computador, basicamente se utiliza o texto escrito, mas podem ser usados figuras e símbolos (*emoticons* e *emojis*, fotos e desenhos), além de áudio, audiovisuais e hiperlinks. Cada interação geralmente se fundamenta em elementos de linguagem comuns aos interlocutores.

Nos diversos espaços de interação (seja oral, na internet e por meio das redes), observamos a realização de processos comunicacionais com objetivos diversos. Nesta perspectiva também se desenvolve o aspecto cultural e político da comunicação que viabiliza a reciprocidade e a “co-participação dos sujeitos no ato de pensar” (FREIRE, 2011 p. 66).

Na experiência analisada, observamos que houve momentos de intensa participação, interação e colaboração entre os estudantes. Houve uma coprodução de conteúdo, que se alimentou na construção do pensamento crítico e reflexivo sobre questões da atualidade, que envolvem tanto sua área de interesse como a sociedade.

Para este trabalho, elencamos apenas padrões de atuação comunicação e desenvolvemos a análise qualitativa do objeto em questão. Sobre as categorias extraídas dos textos das respostas e da participação dos estudantes, alertamos que podem acontecer conjuntamente. Ou seja, um indivíduo pode apresentar uma resposta objetiva à questão, mas deixar transparecer o humor, por meio do uso de um *emoticon* de sorriso (*smile*) ao fim do texto. A seguir, apresentamos algumas categorias destacadas na experiência em análise.

2.1. Humor. O humor é nítido nas relações sociais, porque geralmente mostra que a pessoa se sentiu à vontade (ou não) em determinado momento. E no caso em estudo, ficou explícita esta condição com o uso de onomatopeias e letras que expressam risos (*kkk*, *hahaha*, *rsrs*) e uso de *emoticons* e *emojis*¹², além de piadas rápidas no meio do texto. Alguns estudantes apresentaram postura mais comedida, demonstrando preocupação na elaboração de uma resposta sóbria.

2.2. Formato de respostas ao tópico. A observação do formato diz respeito ao exercício específico de um “trabalho valendo ponto”, ainda que em uma rede social repleta de possibilidades de dispersão. Identificamos determinados padrões na participação do trabalho:

- **Respostas objetivas.** Textos que vão direto ao ponto central do tópico, sem desdobramentos como histórias pessoais ou reflexões no meio do texto.
- **Respostas com avaliação do contexto social.** E a variação **respostas com reflexão e contextualização social.** Aparece nos momentos em que o aluno faz ligações daquilo que está analisando com o universo maior. É importante verificar que o jovem está preocupado em inserir a questão no contexto da sociedade.
- **Respostas com auxílio história pessoal para exemplificar.** Apenas um dos tópicos pedia para o aluno contar uma experiência pessoal (o tópico 3). Porém, o recurso de explicar o tema com relatos de vivências foi bem comum. Entendemos que a abertura de momentos da vida de cada um é válida no processo de criar alguma intimidade com aqueles interlocutores, possibilitando também construção de laços. E principalmente, é importante avaliar que o estudante conseguiu fazer uma relação entre a questão solicitada e sua vida pessoal, o que pode gerar ainda mais significação no aprendizado daquele tema.

¹² Emoticons são símbolos (letras e números) que juntos podem ser semelhantes a ícone como uma cara sorridente ;) Emojis são figuras simples que representam pessoas, animais, objetos etc.

- **Não responde diretamente, apenas conta uma história pessoal.** Poderia ser vista como uma variação da valorização da história pessoal na resposta. Porém, o estudante não responde a questão proposta, mas deixa implícito o modo como lidou com a questão em alguma situação semelhante à solicitada.

2.3. Citações/Menções

- **Cita colegas nos comentários.** Vários alunos mencionaram os comentários de outros colegas, seja para dizer que se identificaram com as respostas, para discordar (apenas um) e até mesmo para brincar ou elogiar a resposta dos outros.
- **Cita a professora nos comentários.** Alguns alunos mencionaram a professora a fim de pedir esclarecimentos, pedir desculpas por ter escrito muito, ou para chamar atenção para um pensamento.
- **Cita textos/livros lidos na disciplina ou em outra disciplina.** Sem que fosse solicitado, alguns alunos fizeram livremente a referência a temas ou textos que haviam lido em disciplinas naquele semestre.
- **Cita textos externos (de sites ou de jornais)**

2.4. Comentários extras – sem relação com o tópico do fórum – apenas para chamar atenção de colegas. Exemplo: aluno que postou uma figura para fazer referência ao pensamento que a amiga postou. Outro que após ter respondido, postou uma tira de quadrinhos para dizer como se sentia em relação ao tema.

2.5. Linguagem das redes sociais. Usa *emoticons*, *emojis*, *prints* de comentários e memes. Os recursos foram empregados por alguns alunos nos comentários-respostas às questões ou em comentários específicos em resposta a algum colega ou para complementar uma resposta.

2.6. Relata sobre a novidade da informação oferecida no tópico. Alguns estudantes declaram em seus textos estarem surpresos com determinadas informações apresentadas no exercício.

2.7. Curtir. No Facebook, o botão curtir é oferecido para que o usuário se manifeste. Alguns usam para dizer que gostaram do que foi publicado, outros para dizer que leram. Os alunos “curtiam” tanto as publicações feitas pelos colegas, quanto da professora.

2.8. Leitura e comentário de texto complementar. No tópico 4, sobre a polêmica envolvendo Umberto Eco, percebemos que os alunos não repercutiram a questão complementar, ficando atentos tão somente ao tópico inicial. Pensamos que este poderia ser

um caso a ser considerado na elaboração de trabalhos como este que apresentaram durante o processo uma novidade, mas que não foi percebido pelos os estudantes.

Em uma avaliação geral, a experiência mostra que o espaço de conversação proporcionado pela rede permite que aliemos as novas tecnologias a discussões complementares ou extensões da sala de aula de um curso presencial. Entendemos a importância de organizar uma ação extraclasse na rede social.

Os estudantes muitas vezes não sabem como agir neste ambiente em que a citação de autores clássicos pode vir junto a um “kkkk”. É um lugar em construção. As regras de comportamento no fórum online precisam considerar a prática que o jovem tem com a rede, já que queremos explorar o potencial deles em manifestações de opiniões e compartilhamento de informações que permitem uma elaboração coletiva de conhecimento.

3. Reflexões sobre o processo de comunicação e educação

A experiência proposta aos estudantes de jornalismo colocava em xeque o modelo tradicional de ensino do ambiente acadêmico. De um lado, a proposta de participação constante e de reflexão coletiva; e de outro o modelo no qual o estudante espera receber do professor todos os conteúdos necessários para determinada disciplina.

Evidente que compreendemos as particularidades de cada campo de saber. Entretanto, interessa-nos perceber os elementos comuns e motivadores de novas formas de elaborar as aulas e a formação no ambiente universitário.

A proposta, portanto, também foi pensada para questionar o papel do modelo tradicional de ensino pela compreensão de que o diálogo requer a cumplicidade e o interesse dos diversos atores no processo comunicativo (e também educacional). Desse modo, Roseli Batista afirma que

a vida não é linear, não é programada e inflexível. A vida é dialética e precisamos aprender a viver dialeticamente, pois é da natureza do ser humano ser bom e mau ao mesmo tempo, sentir compaixão e inveja... As questões sociais tem vários lados; não são dicotômicas como geralmente são apresentadas pela mídia. (BATISTA, 2007, pp. 84-85)

Desse modo, José Marques de Melo e Sandra Pereira Tosta (2008) definem o seu entendimento da Educação como sendo uma ação e a consequência de educar-se. Nesse sentido, na junção dessas duas áreas de saber, precisamos orientar os estudantes para que sejam instrumentalizados para a pesquisa.

Complementando essa perspectiva, podemos concluir que

(...) um primeiro significado para a comunicação é a ideia do diálogo, no qual duas pessoas – emissor e receptor – trocam ideias, informações ou mensagens. (...) Para complicar um pouco mais o quadro, a comunicação vem sofrendo, ao longo do tempo, uma série de mutações em seu significado. (MELO; TOSTA, 2008, p.12)

Ou seja, “ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam. (FREIRE *apud* SOARES, 2000, p. 20).

Portanto, através da compreensão de Paulo Freire, podemos construir áreas de saber que sejam inter e transdisciplinares. A fluidez permitiria, portanto, a ampliação de conceitos e metodologias a serem aplicadas em inúmeras problemáticas. Desse modo, “o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (FREIRE, 2011, pp, 42-43).

Em muitos momentos podemos ser aqueles que interrompem o diálogo ou menospreza argumentos que desconhece ou não considera para não perdermos o nosso local de fala. Os autoritarismos cotidianos precisam estar sempre em análise para que possamos romper com a perspectiva de que seremos os opressores de novos oprimidos. Para isso, reconhecer que nossa identidade é inacabada e um processo eterno de construção e reconstrução é essencial¹³.

Assim, é nas salas de aula estão os jovens consumidores do ambiente virtual e televisivo. Por esse sentido, precisamos repensar o processo comunicativo para além das mídias para a formação crítica dos que a consomem.

Em outras palavras, devemos possibilitar espaços para a percepção por parte do estudante de que sua busca pelo conhecimento e como ele a usa em seu repertório pessoal que garante o reconhecimento de si como o autor de sua própria história.

Roseli Batista (2007) apresenta José Luiz Braga e Maria Regina Zamith Calazans como pesquisadores da Mídia & Educação. Para esses autores, temos cinco maneiras de ensino-aprendizagem com base na recepção dos produtos midiáticos, que são: a dimensão representacional; a dimensão operatória; a dimensão psico-afetiva; a dimensão social; e a dimensão reflexiva.

Nossa experiência com os graduandos de jornalismo pode ser pensada pelas dimensões social e reflexiva. Na primeira, as atividades de expor opiniões, confrontando-se

¹³ Esse construir e reconstruir é possível, somente, segundo a perspectiva de Paulo Freire, através do compromisso com a consciência. Ou seja, é uma decisão que precisa ser tomada por aquele que opta por ela.

e interagindo através da argumentação é a chave para o entendimento da recepção dos produtos midiáticos pelos jovens. Ou seja, é a partir dela que podemos perceber como os estudantes estão interagindo e construindo o conteúdo disciplinar a partir do diálogo e confronto (ideia tão presente na obra de Paulo Freire).

E assim,

é nessa perspectiva que o colombiano Martin Barbero aposta na tese de que a questão da mídia é menos falar de meios e mais de mediação, ou seja, entender a apropriação e usos dos bens produzidos pela mídia passa pela compreensão de que tal processo ocorre de forma mediada pelo contexto cultural em que ela ocorre. (MELO, 2008, p.65)

Por meio dessa dimensão, os debates sobre os temas podem ser expostos de maneira individualizada, pois cada estudante pôde expor seus argumentos a partir de suas experiências. Com isso, como percebemos em alguns *posts*, ocorreu uma mescla de saberes para construir um conhecimento maior e mais amplo do assunto proposto.

Assim, “o privilégio do leitor crítico está na possibilidade da desocultação das ‘tramas’ da comunicação, das tendências dominantes nas interpretações e suas manobras de convencimento” (SOARES, 2000, p. 48). Nesse sentido, como afirmam Melo & Tosta (2008),

o professor, desde a sua formação inicial e continuada, deve se preparar para desenvolver com seus alunos processos de mediação. Se a mídia é, em larga medida, o grande aparato de mediação social hoje, a escola, bem como outras instituições de socialização, não pode abrir mão desse papel que também é seu (MELO; TOSTA, 2008, p. 24)

Desse modo, a dimensão reflexiva, tão próxima à social, permite perceber que os participantes do debate refletem e constroem coletivamente resultados práticos desse processo. Assim, podemos analisar que ocorreu uma troca de saberes orientada para gerir coletivamente um resultado final a ser compartilhado por todos.

Esse produto de debates e fruto da dialogia freiriana rompe a separação tácita nas salas de que teoria e prática precisam estar separadas para o melhor funcionamento acadêmico. Ao apropriar-se de instrumentos hegemônicos de poder, o educador e o educando precisam reconhecer o rompimento com a narração de conteúdos para, de fato, aplicar uma comunicação-educação libertadora e engajada no empoderamento da palavra/prática. Ou seja, precisam construir o que Gadotti (1996) afirma ser uma educação que vise à liberdade e transformação radical da sociedade.

Por isso, como explica Melo & Tosta, “a constituição de um novo campo de conhecimento necessariamente resulta da confluência da práxis (...) e da teoria. Ou seja,

trata-se sempre do resultado de um processo destinado a compreender e a controlar os fenômenos sociais emergentes em cada época histórica” (MELO; TOSTA, 2008, p. 13)

Isso ocorre, em nosso entendimento, pelo contexto em que vivemos. Não podemos mais crer que o modelo linear de ensino (professor como fonte do saber e estudante como tábula rasa) perdure nos ambientes escolares, incluso universitários. É evidente, por nossa experiência em análise, que encontramos resistências dos jovens que seguiam rituais burocráticos de participação ou mesmo pouco familiarizados com o ambiente proposto.

Contudo, o resultado final do semestre pode ser considerado positivo por conta do último *post*, no qual os estudantes estavam mais atentos as discussões que fazíamos na sala de aula. Isso caminha para a observação de que Gabriela Bergomás faz ao afirmar que

conocimiento tecnológico integrado a los demás saberes, flexibilidad frente a la innovación, trabajar sobre el cambio y sobre las debilidades de un programa o dispositivo para poder potenciarlo y armar una nueva fase. Retomar el protagonismo como productores de conocimiento y también ante el conocimiento. (BERGOMÁS, 2014, p.49)

Diante do exposto, na aproximação dos campos da Educação e da Comunicação, podemos perceber a formação de jovens jornalistas comprometidos com a reflexão e com o diálogo como formas de fundamentar a ampliação do debate sobre democracia e cidadania no mercado de trabalho.

Considerações finais

Este trabalho realizado com foco na atuação do jovem estudante conectado em um espaço de conversação online nos possibilitou conjugar conceitos importantes no ofício de professores e orientadores que somos. Experimentar, analisar e buscar compreensão sobre os caminhos que a educação da juventude numa sociedade baseada numa comunicação midiaticizada foram algumas das metas que buscamos alcançar.

Para o momento, e o caso estudado, entendemos que os jovens ao se depararem com as questões do fórum online de uma disciplina presencial tiveram alguma dúvida sobre como agir. É preciso escrever um texto formal ou informal? Encontramos textos que mostram que houve o aluno que fez o seu trabalho de maneira sóbria, mas houve o estudante que trouxe para o seu exercício a típica linguagem que usa para conversar com seus amigos na web. A apropriação do espaço para a realização da participação “valendo nota” conseguiu incentivar a espontaneidade, que a nosso ver, ajuda o aluno a melhor compreender determinados assuntos.

Outro aspecto que merece ser destacado é o estabelecimento de negociações entre as respostas publicadas. Concordar ou discordar das ideias centrais, citar o comentário do colega, elogiar ou curtir a participação dos outros fez com que houvesse efetivamente uma espécie de diálogo, de conversação e de comunicação no processo de ensino.

Por fim, o grupo de estudantes de jornalismo mostrou que existem possibilidades de construção e reconstrução de pensamentos e concepções a partir da exposição compartilhada com os colegas, em que se discutem temáticas relacionadas ao universo da web (comunicação e novas tecnologias), mas também ao que se discute em sala de aula. A experiência é embrionária na exploração de conceitos, mas representativa dos projetos possíveis que a comunicação junto com a educação podem proporcionar a jovens estudantes.

Acreditamos que a sala de aula necessita mergulhar na extensão do chamado “mundo virtual”, que não é outro universo, mas é o ambiente de pleno domínio da juventude com quem trabalhamos. Não existem fórmulas, mas há caminhos a percorrer, experiências a adaptar a cada turma, escola, bairro ou cidade

Referências

- BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia & Educação: teorias do jornalismo em sala de aula**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- BERGOMÁS, Gabriela. Nuevas relaciones con el conocimiento. In SARTORI, Ademilde (Org.) **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras**. Florianópolis: DIOESC, 2014. pp. 47-56.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prática para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009
- CETIC.BR. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **TIC Kids online Brasil 2014**. São Paulo: 28 jul 2015. Disponível em: http://cetic.br/media/pdfs/apresentacoes/tic_kids_online_brasil_2014_hangout_imprensa.pdf Acesso em 29 jul 2015
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: _____ (Org.) **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996. pp. 69-116.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. S. Paulo: Editora Aleph, 2008;
- MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MORAN, José Manuel. Como utilizar a internet na educação. Ciência e Informação. Brasília: mai/ago 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 de jul 2015.
- RECUERO, Raquel. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada por computador. In: NASCIMENTO, AD., HETKOWSKI, TM., (org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

- RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, A. (org). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 19, pp. 12-24, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>>. Acesso em: 27 Mai. 2015.
- WILLINGHAM. Daniel T. **Por que os alunos não gostam da escola?** Porto Alegre: Artmed, 2011.